



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

EHRICKA PATRÍCIA GOMES DE OLIVEIRA

**PRÁTICA DOCENTE E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS**

CAJAZEIRAS - PB

2009

EHRICKA PATRÍCIA GOMES DE OLIVEIRA

**PRÁTICA DOCENTE E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

**CAJAZEIRAS - PB
2009**



0482p Oliveira, Ehricka Patrícia Gomes de.
Prática docente e a contribuições para o processo de ensino-aprendizagem dos educandos / Ehricka Patrícia Gomes de Oliveira. - Cajazeiras, 2009.
50f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Prática de ensino. 2. Racionalização do ensino. 3. Gestor. 4. Aprendizagem. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.02

EHRICKA PATRÍCIA GOMES DE OLIVEIRA

PRÁTICA DOCENTE E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS

Monografia apresentada em: 20, fevereiro de 2009.

MariaJaneteLima

(Orientadora – Prof.^a Ms. Maria Janete de Lima)

CAJAZEIRAS/PB
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

DEDICATÓRIA

Dedico com gratidão a meus pais Tiquinho e Selma que compartilharam comigo meus ideais e os alimentaram incentivando-me a prosseguir a jornada e nunca desistir.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

AGRADECIMENTOS

DEUS

Agradeço a Deus que nos momentos difíceis, me deu sabedoria, força e coragem para continuar o meu caminho em busca da realização acadêmica.

NOIVO

A meu noivo Ivanildo, pelo companheirismo incondicional nas horas que mais precisei.

IRMÃS

A minhas irmãs Layana, Tássia e Nathália que me ajudaram com palavras de incentivo a concluir este curso.

MINHA SOBRINHA

A minha sobrinha Maria Rita, pois fez com que eu vivenciasse na prática as teorias estudadas em sala.

FAMÍLIA E AMIGOS

A meus familiares e amigos, meu muito obrigado pelo apoio.

PROFESSORES

Aos professores, que me mostraram compreensivamente como se deve proceder a postura ética de um educador e como deve ser o verdadeiro compromisso com a educação.

“Nós fazemos as nossas escolhas. E as escolhas nos fazem.” (Shakespeare)

RESUMO

A presente pesquisa aborda importantes idéias sobre a prática pedagógica, mas precisamente, sobre o processo ensino aprendizagem a ser desenvolvido nas sociedades contemporâneas, assuntos estes que possuem grande teor de finalidades na área do ensino, como se percebe nos elementos teóricos referentes a possibilidade da renovação do processo ensino-aprendizagem e na participação mediadora do educador, enquanto agente de transmissão de conhecimentos nas diversas disciplinas escolares. A racionalização do ensino tem sido encarada como um fato preocupante, uma vez que dissemina uma prática mecanizada, contrária as reais necessidades educacionais dos alunos do presente século. O contexto cultural no setor da educação é um assunto também discutido neste trabalho, adentrando na necessidade de o professor reconhecer a diversidade cultural e aproveitá-las no enriquecimento de suas práticas pedagógicas cotidianamente, sem esquecer da postura imparcial dos educadores, frente às grandes transformações sociais e culturais ocorridas até então. Neste sentido, os objetivos desta pesquisa são os seguintes: analisar sobre a docência e seus desdobramentos em torno da formação, identidade profissional e inovação didática e o processo de ensino-aprendizagem dos educandos; detectar as facilidades e dificuldades para a formação do professor; identificar a formação profissional do professor, na construção da identidade docente; averiguar a relação professor-aluno e vice versa e as contribuições dessa relação na aprendizagem dos educandos e por fim analisar a metodologia diante da inovação didática. Com relação ao estudo de campo, foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental André Gadelha do município de Sousa PB. Os resultados deste estudo serviram-nos de reflexão sobre as metodologias utilizadas pelos professores da referida escola, apontando para novos rumos a serem tomados frente às exigências e necessidades educacionais dos alunos da escola.

Palavras - chave: prática, ensino, professor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 – Reflexões sobre Racionalização do ensino	12
1.1 O educador no contexto da educação e da cultura	15
CAPÍTULO 2 – Renovação do processo ensino-aprendizagem dos educandos: algumas considerações	23
2.1 A mediação pedagógica como motivação à aprendizagem.....	27
CAPÍTULO 3 - Percurso Metodológico e Análise dos Dados	35
3.1 Metodologia da pesquisa: estudo de caso	35
3.2 Caracterização da Escola	36
3.3 Análise dos questionários dos professores e gestor	37
3.4 Análise do Estágio	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

A presente temática “Prática docente e as contribuições para o ensino-aprendizagem dos educandos” analisou as múltiplas imagens que se misturam as tantas e tantas vozes, que na maioria das vezes, vêm à tona. O “*ser*” ou “*se fazer*” professor. O “*ser professora*”, não aparece na vida das professoras de forma naturalizada. Desmistificar o discurso de que para ser professora é preciso nascer com um “dom”. É certo que, “ter vocação” é um importante ponto de partida para percebermos o quão complexo é esta profissão. Tais caminhos vêm entrelaçados de questões mais profundas que envolvem a feminilidade, numa visão não reduzida à dicotomia masculino/feminino; a garantia da ocupação/ampliação do espaço público, bem como da possibilidade política de interferência neste espaço; a idéia religiosa e romântica de fazer algo para o bem comum; a idealização e a sublimação de uma profissão para as mulheres, as expectativas do papel que a família e a sociedade historicamente esperam/reservam para a mulher; o compromisso e a idéia de que a escola é o lócus de transformação social.

Assim, o presente trabalho abordou, em especial, as histórias de Vidas de Professores e as contribuições das mesmas, diante do processo de ensino-aprendizagem pelos educandos. Com isso, buscou realizar um estudo que potencialize as vozes cotidianas, as histórias anônimas de professoras que diariamente, fazem a História da Educação neste país, vozes e histórias estas, silenciadas, mas nem por isso menos importante e, talvez por isso, mais legítima, mais autêntica que a própria História Oficial. História de Professoras que ainda permanecem na Escola Pública, Professoras que, apesar do contexto de descaso, de desqualificação de trabalho docente e de culpabilização do (a) professor (a) pelo fracasso escolar, ainda não perderam a esperança. Acreditam na Escola, como um todo e na “Escola Pública”, tendo um compromisso com a Educação de qualidade para com seus alunos (as) das classes populares.

O sentido da formação gira em torno da palavra construção social. É uma realidade dinâmica e contingente, calcada em ações coletiva. Ações estas, produzidas pelos atores sociais, no caso, os docentes. A docência requer formação profissional no seu exercício; conhecimentos específicos para exercê-los adequadamente, respeito e compreensão para com seus discentes, ética acima de tudo e aquisição de novos conhecimentos e habilidades vinculadas à atividade para melhorar a sua qualidade.

"Ser professor", "Se construir professor", é preciso experiência, sabedoria, respeito, ética, estética, pesquisa, diálogo, bom senso, alegria, segurança, liberdade, autoridade, humildade, tolerância, curiosidade, apreensão da realidade, esperança, compromisso (...). Enfim, ser professor como diz Paulo Freire: "Precisa de alma, sentimentos, emoções (...) SONHOS". (2002:165). Portanto, a formação da prática docente requer uma relação de respeito, ética, liberdade, compromisso de ambas as partes, assim dessa forma o processo de ensino-aprendizagem é absorvido pelos educandos de forma satisfatória.

Esta pesquisa se voltou para a obtenção de dados relacionados ao agir pedagógico dos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental André Gadelha do município de Sousa no Estado da Paraíba cujos resultados, servirão para a ampliação do nosso entendimento sobre a temática investigada, tendo por base, a observação do comportamento dos sujeitos envolvidos, os que não podem ser mensuráveis. A partir dos questionários e das discussões no ato da pesquisa utilizados como ferramenta de coleta de dados.

Tivemos como objetivo geral analisar sobre a docência e seus desdobramentos em torno da formação, identidade profissional e inovação didática e o processo de ensino-aprendizagem dos educandos; detectar as facilidades e dificuldades para a formação do professor; identificar a formação profissional do professor, na construção da identidade docente; averiguar a relação professor-aluno e vice versa e as contribuições dessa relação na aprendizagem dos educandos e por fim analisar a metodologia diante da inovação didática.

O trabalho se encontra dividido em três capítulos: o primeiro capítulo consiste em um levantamento literário sobre as idéias teóricas relacionadas ao tema, tomando como referência, alguns dos principais estudiosos da área da educação. As idéias contidas no primeiro capítulo dizem respeito a renovação do processo ensino-aprendizagem, aborda-se também sobre a mediação pedagógica como motivação à aprendizagem, a reflexão sobre a racionalização do ensino, que tem se tornado algo preocupante para o processo ensino-aprendizagem nos tempos atuais, e ainda sobre a postura do educador no contexto da educação e cultura, já que são assuntos bastante instigantes por parte das propostas pedagógicas contemporâneas no tocante ao desenvolvimento das atitudes pedagógicas cabíveis aos educadores seculares.

A partir destes dados, pode-se observar quais as atitudes que devem ser tomadas para se enriquecer o processo ensino-aprendizagem, no intuito de se transformar o tradicionalismo, ainda bastante presente na metodologias de ensino da maioria dos professores, em uma prática reorganizada, que priorize as novas demandas sociais para o ensino dos alunos que a cada dia estão se emancipando, em termos de informações dentro de uma sociedade manipulada pelas tecnologias, informática e vários fenômenos que nos fazem refletir sobre a necessidade educacional dos educandos inseridos nesta sociedade, cada vez mais informatizada.

Acredita-se que os professores devem aproveitar a disponibilidade de fontes de informação, para se atualizarem e oferecerem aos seus alunos, informações precisas, que ultrapassem os limites impostos pelo tradicionalismo curricular. Uma prática de ensino renovadora será imprescindível na formação da autonomia social e educacional dos educandos.

CAPÍTULO 1 - REFLEXÕES SOBRE A RACIONALIZAÇÃO DO ENSINO

Para compreendermos a questão da Racionalização do ensino, discutido por Nóvoa, temos que considerar a realidade que envolve a Pedagogia na última década, caracterizada como uma ciência de certezas, baseada em diagnóstico, reforçando preceitos de avaliação e controles escolares. Em linhas gerais, uma ciência do antes e do depois.

A racionalização do ensino, fundamenta-se pelo controle das ações educativas, no intuito de moldá-las, de acordo com os profissionais dessa área. Segundo Nóvoa (2002, p. 3) “justifica-se, em larga medida, por uma espécie de mimetismo em relação aos modelos de análise dominantes no mundo econômico e empresarial”.

Segundo Nóvoa:

A educação não é apenas um projeto científico ou racional, pois a ação pedagógica realiza-se a partir de uma pluralidade de valores e de crenças, de idéias e de situações, que é ilusório tentar controlar a priori. A educação não encontra a sua razão de ser apenas no razoável, mas também no trágico; não é apenas um ato racional, mas também dramático. (NÓVOA, 1998, p. 80)

Por outro lado, a sociedade humana tem necessidade cotidiana de medida, padronização, ordem e racionalização. O desafio é satisfazer todas as necessidades, resolvendo muitos dilemas. Assim, é preciso opor a liberdade à dominação, a cooperação à competição, relações para todo mundo às relações hierárquicas para dominar. É preciso valorizar o exercício da espontaneidade e não a organização coercitiva. A veracidade e a esperança devem opor-se à falsidade e ao engodo. Em suma, é preciso ter uma solidariedade orgânica e não uma solidariedade regulada e meramente organizacional.

Na verdade, o aluno na sua condição individual própria, é visto com total dependência frente ao professor e as condições de aprendizagem se resumem na simples prática instrucionista de fundo imbecilizante, sem ao menos dar a oportunidade do aluno saber pesquisar ou elaborar, ou enfim saber pensar; criticar ou aprender.

Demo (2004, p.27) salienta: “O conhecimento que esclarece é o mesmo que imbeciliza”. Desta forma, tudo tende a reduzir-se a práticas instrucionistas deslavadas no fundo, imbecilizantes, porque evitam a formação de sujeitos que sabe pensar e aprender.

Não podemos deixar de considerar que existe um delicado problema de atitude no mundo pós-moderno: quem não faz ciência, não tem desenvolvimento. E deixa de lado a possibilidade de atingir objetivos como: Oferecer aos cidadãos qualidade de vida, de saúde, de aprimoramento humano e de ampliação do conhecimento Preservar qualidade ambiental; Capacitar a sociedade a criar uma economia relevante, sustentável e competitiva sem produzir contingentes de excluídos.

Neste sentido, a educação tem um papel, um local de atuação e um conteúdo. Este conteúdo envolve, de maneira articulada, ciência, tecnologia e arte. O conhecimento da ciência e da tecnologia torna o educando dono do processo - de produção e de transformação - e o capacita ao poder, tanto para decidir o seu futuro, quanto para o pleno exercício de sua cidadania, socialmente articulado com os seus concidadãos. Ciência, tecnologia, arte e educação são instrumentos e vias não só de sobrevivência, mas de propagação da cultura em uma sociedade em mudança.

O problema da racionalização do ensino, é que reduz o trabalho pedagógico a uma dimensão técnica, exclusivamente racional, não elevando em consideração muitas vezes a questão cultural Nesse sentido, desconsidera-se os fatores aleatórios ou imprevisíveis, que fazem parte do cotidiano das escolas. O caráter instrumental da racionalização, tende a tornar mecânicos, os procedimentos dos educadores, como se a realidade das instituições de ensino fossem idênticas, daí sua relação com as ações empresariais, que se baseiam no trabalho repetitivo, planejado e organizado, lutando sempre contra a impresibilidade.

De acordo com Nóvoa, (2002, p. 35):

O que de mais decisivo acontece na escola não é possível de ser previsto, nem de ser medido: em educação o que marca a diferença é o modo de produção, e não o produto. Sublinha-se assim a necessidade de uma pedagogia do processo, de uma pedagogia da situação. (NÓVOA, 2002, p. 35)

Destaca-se, uma linha de pensamento idêntica a que foi discutida anteriormente: a mediação pedagógica. Argumentando o pensamento de Freire, Pedro Demo diz,

De fato, aprendendo a argumentar, o aluno não só faz ciência, com em particular, constrói sua cidadania, conjugando qualidade formal (manejo do conhecimento) e política (capacidade de intervenção alternativa), aprender a argumentar significa: fundamentar cuidadosamente o que se diz, sem impor; ler criticamente, de modo desconstrutivo e depois reconstrutivo, para que seja possível tornar-se “autor”; escutar atenta e respeitosamente o outro e contra-argumentar civilizadamente; convencer sem vencer; cultivar a esfera pública da discussão aberta, na qual deve valer o melhor argumento, não artimanha imposição; participar da discussão ativamente, em particular com elaboração própria, não de qualquer maneira, evitando-se socializar a ignorância. (DEMO, 2004, p. 30)

Como seres responsáveis por fazer o “**conhecimento**” e ajudar a reconstruí-lo, devemos acima de tudo combater o instrucionismo, pois conforme Demo,

Um dos males mais comprometedores da educação é o instrucionismo porque, ao invés de agir de dentro para fora, funciona de fora para dentro, de cima para baixo, autoritariamente. Ao aluno cabe escutar, tomar nota e fazer prova, dentro de um contexto extremamente reprodutivo (DEMO, 2004, p. 33)

Pensemos por bem, em vez de insistir na relação pedagógica que envolve somente os procedimentos reprodutivos, ou seja, a aula propriamente dita, precisamos voltar-mos a criar possibilidades que faça o aluno elaborar sua própria pesquisa, reforçando sua autonomia, crítica e criativa. Ressaltando o desafio crucial de “fazer” conhecimento, não apenas de escutar, reproduzir e repassar (...), é importante que o professor consiga que o aluno saiba “pensar”, mas não só “pensar”, mas “pensar certo”. Paulo Freire salienta: “A importância do papel, é mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar apensar certo”. (FREIRE, 1996, p. 26).

Não é querendo acabar com o procedimento expositivo da aula em si, porque ela é muito mais viável ao professor do que ao aluno. Como regra ela pode até não ter nada haver com aprendizagem.

Na verdade, a maioria das aulas não faz mais que atrapalhar a aprendizagem, pois mantém o aluno como um objeto de manipulação. Desta forma o pensamento de Pedro Demo confirma, “De certa maneira, imagina-se que a aula já pensou pelo aluno, dispensando que o aluno pense por si”. (2004, p. 34)

A formação continuada de professores deve motivá-los a adquirirem uma visão crítico-reflexivo das situações escolares. O professor deve ter autonomia para agir em seus ambientes de trabalho, sendo participativos, com caráter investigativo, envolvendo a criatividade nas ações educativas, para se alcançar a identidade profissional.

Diante dessas argumentações, é importante considerar as “Cinco teses para debate”. A primeira delas refere-se a formação contínua de professores, no sentido de se investir em perspectivas inovadoras em situações escolares. A segunda tese, refere-se a valorização das atividades de (auto)formação, para estimular a emergência de uma nova cultura profissional.

A terceira se trata da “reflexão na prática e sobre a prática”, visando a valorização dos saberes próprios dos educadores. A quarta tese, diz respeito ao incentivo à participação de todos os professores, nesse processo de formação continua. A quinta e ultima, volta-se para a capitalização das experiências inovadoras, trabalhando em prol da qualificação das mesmas.

Portanto, cabe a nós, refletirmos sobre a realidade que envolve a profissão docente nos dias atuais. Através deste estudo, percebemos uma certa coincidência em torno das concepções dos autores citados, cujos argumentos, contribuem em larga escala para a reorganização do trabalho pedagógico contemporâneo.

Os conhecimentos que adquirimos, através da explanação dessas idéias, faz-nos analisar sobre a necessidade de os cursos de formação, inovarem suas metodologias sobre as questões pedagógicas e aquelas construídas na vida profissional e pessoal do educador, devendo responder as diferentes demandas referente ao trabalho docente, desde o domínio dos conhecimentos específicos em torno dos quais deveremos agir e compreender as questões envolvidas na área educacional, sua identificação, autonomia para tomar decisões, responsabilidade pelas opções feitas, avaliação critica da própria atuação, interpretação e posicionamento diante das diferentes abordagens didáticas.

Todo esse interesse de se inovar as atitudes pedagógicas devem centrar-se exclusivamente em nós, educadores. Para haver mudanças qualitativas, devemos permitir que a reflexão sobre nossa prática, em conjunto com novas atitudes, venham ocupar o lugar central, no processo de ensino, em que estamos inseridos.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão (...), faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido em sua razão de ser, e, portanto, aprendido pelo educando. (FREIRE, 1996, p. 26)

Precisamos caminhar passo a passo, rumo a autonomia e a libertação. Precisamos nos atualizar permanentemente, pois “nada envelhece mais rápido do que o conhecimento” (DEMO, 2004, p. 84). Precisamos pensar num futuro próspero; precisamos saber convencer o aluno de que estudar, pesquisar, elaborar (...) não depende de “aula”. Precisamos pensar que na prática, a mudança que estar por vir não está no aluno, ma sem nós mesmos! Professores, que como diz Demo “profissão estratégica”.

De acordo com Pimenta (2002), professor reflexivo é aquele que pensa no que faz, que é comprometido com a profissão e se sente autônomo, capaz de tomar decisões e ter opiniões. As experiências profissionais vão dando, dia a dia, condições para que o profissional da educação, não mais se limita aos moldes estabelecidos pelos currículos escolares, mas, evidencia sobretudo, a troca de experiências entre professores e alunos no contexto escolar. Desta forma, o professor poderá refletir sobre o tipo de aprendizagem captada pelo educando, avaliando a si próprio, no sentido de buscar soluções para os problemas existentes no processo ensino-aprendizagem.

Precisamos enfim, nos reerguer e resgatar a educação. Neste sentido, o resgate da educação passa impreterivelmente pelo resgate do professor. Almejando a definição de um professor

que, de acordo com demo, “Inclina-se para o desafio de cuidar da aprendizagem, não de dar aula”, um possível “professor do futuro”; aquele que constrói e reconstrói o conhecimento.

1.1 O educador no contexto da educação e da cultura

Educação é a produção da consciência a respeito de si mesmo e do mundo, da consciência das relações entre as pessoas, das descobertas e das invenções dos homens. A cultura é o conjunto das concepções sobre o mundo, sobre as relações pessoais e de invenções dos homens. Portanto, educação e cultura não se dissociam e enquanto existirem homens e mulheres pensando, descobrindo e inventando o novo - desde os modos de relação interpessoal até os processos de produção - a cultura é continuamente criada e a sociedade vive uma constante transformação.

Segundo Nóvoa:

[...], elege-se a educação como área prioritária e assiste-se a uma maior investime[n]te social nos setores do ensino e da formação. É uma tendência clara neste final do século XX, alicerçada não apenas numa lógica democratizante e de aberturas dos sistemas educativos, mas também na convicção de que os novos desafios sócio-econômicos passam por uma aposta no desenvolvimento dos recursos humanos e na produção do capital cultural. (NÓVOA, 1998, p. 74)

A educação tem, a princípio, como finalidade, promover mudanças desejáveis e relativamente permanentes nos indivíduos, e que estas venham a favorecer o desenvolvimento integral do homem e da sociedade. Portanto, se faz mister que a educação atinja a vida das pessoas e da coletividade em todos os âmbitos, visando à expansão dos horizontes pessoais, o desenvolvimento cultural do sujeito, além da observação das dimensões econômicas e o fortalecimento de uma visão mais participativa, crítica e reflexiva dos grupos nas decisões dos assuntos que lhes dizem respeito.

A cultura é o fermento que alimenta, dá forma e conteúdo à educação. Em sala de aula, experiências, vivências e singularidades estão reunidas. Alunos e professores trazem suas bagagens e histórias. Confrontos, trocas, negações e reafirmações de culturas pulsam o tempo todo nesse convívio.

Se não houver um saber pronto e acabado a ensinar, a educação tem suas chances de sucesso ampliadas. Se o saber em construção for inclusivo das diferenças, renovam-se as esperanças.

Ao falar em educação e cultura, pode-se fazer uma relação entre a participação do educador neste processo de trabalho escolar diversificado, sempre valorizando as diferenças regionais, étnicas, religiosas e culturais dos alunos. As experiências profissionais vão dando, dia a dia, condições para que o profissional da educação, não mais se limita aos moldes estabelecidos pelos currículos escolares, mas, evidência sobretudo, a troca de experiências entre professores e alunos no contexto escolar.

Desta forma, o professor poderá refletir sobre o tipo de aprendizagem captada pelo educando, avaliando a si próprio, no sentido de buscar soluções para os problemas existentes no processo ensino-aprendizagem.

O professor é, sobretudo, uma pessoa que deve atender aos contextos em que trabalha, as subjetividades e diversidades do setor escolar, procurando adaptar a sua atuação aos objetivos pretendidos pela escola de uma forma geral

É interessante que haja uma reforma curricular para a formação de qualidade que os docente tanto necessitam ocorra, que a prática esteja sempre articulada as base teóricas. Para que a profissionalização aconteça efetivamente, faz-se necessário que se invista na formação do professor, caso contrário a profissão torna-se ainda mais desvalorizada, o ensino perde a qualidade e a auto-estima destes profissionais da educação é afetada, o que muitas vezes leva ao abandono do magistério.

De acordo com Libâneo, “Se é verdade que sem profissionalização fica difícil o profissionalismo, sem profissionalismo torna-se inviável o ensino de qualidade” (2000, p. 90).

Diante desta questões, podemos perceber a necessidade de um novo olhar por parte dos educadores do presente século, no que diz respeito ao atendimento às novas demandas educacionais do século presente. Para isto, deve-se priorizar nos cursos de formação de professores, assuntos científicos que sirvam de fato para uma prática reflexiva no cotidiano escolar.

Segundo Nóvoa, (1995, p. 26),

A formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão. Ao longo da sua história, a formação de professores tem oscilado entre modelos acadêmicos, centrados nas instituições e em conhecimentos “fundamentais”, e modelos práticos, centrados nas escolas e em métodos “aplicados”. É preciso ultrapassar esta dicotomia, que não tem hoje qualquer pertinência, adaptando modelos profissionais[...] (NÓVOA, 1995, p. 26)

O bom professor, além de buscar inovação para sua prática pedagógica, deve assumir uma postura profissional, está ciente de que é seu o papel de encaminhar a criança a (re)descobrir o mundo, a pensar por si própria, construir seus conhecimentos considerando aqueles que traz consigo, redirecionando e ampliando-os dentro da realidade a qual está inserido. Neste sentido, Paulo Freire destaca:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária. (FREIRE, 1996, p. 30)

Um professor que teve uma formação de qualidade está sempre atento às necessidades e interesses de seus alunos, os vê com afetividade, com respeito e procura oferecer sempre o seu melhor, porque é consciente de seu poder transformador e de sua capacidade de fazer a diferença.

Faz-se necessário que esteja sempre presente na escola um trabalho voltado para a conscientização e reflexão do sujeito - mundo, além da valorização do saber trazido pelo aluno, oferecendo através deste processo de aprendizagem condições ao aluno de expressar seus sentimentos, seus pensamentos, compará-los, compreendê-los e superá-los.

A valorização da cultura popular inserida no contexto da educação objetiva principalmente combater a discriminação de seus produtores e reforçar os segmentos sociais que têm sua participação diminuída pela classe dominante que insiste em monopolizar a cultura, aceitando apenas o que é formal e erudito como certo.

Um professor atualizado é aquele que tem olhos no futuro e a ação no presente, para não perder as possibilidades que o momento atual continuamente lhe apresenta. Porém, isto não é

alguma coisa que o sistema educacional possa obrigar os professores a fazerem. A Informática é ainda uma opção para se trabalhar a cultura na sala de aula, uma decisão do professor frente aos seus novos rumos de trabalho.

Vivemos uma época em que a consciência de que o mundo passa por transformações profundas é cada dia mais forte. Esta realidade provoca em muitas pessoas e grupos, sentimentos, sensações e desejos contraditórios, ao mesmo tempo de insegurança e medo, potenciadores de apatia e conformismo como também de novidade e esperança, mobilizadores das melhores energias e criatividade para a construção de um mundo diferente, mais humano e solidário.

Globalização, multiculturalismo, pós-modernidade, questões de gênero e de raça, novas formas de comunicação, informatização, manifestações culturais dos adolescentes e jovens, expressões de diferentes classes sociais, movimentos culturais e religiosos, diversas formas de violência e exclusão social configuram novos e diferenciados cenários sociais, políticos e culturais. Estes fenômenos se interpenetram em processos contínuos de hibridização.

A escola não pode ignorar esta realidade. O impacto destes processos no cotidiano escolar é cada vez maior. A problemática atual das nossas escolas de primeiro e segundo graus, particularmente as das grandes cidades, onde se multiplicam uma série de tensões e conflitos, não pode ser reduzida aos aspectos relativos à estruturação interna da cultura escolar e esta necessita ser repensada para incorporar na sua própria estruturação estas questões e novas realidades sociais e culturais.

A reflexão sobre o papel da educação em uma sociedade cada vez mais de caráter multicultural, é recente e crescente no nível internacional e, de modo particular, na América Latina. No entanto, a gênese desta preocupação obedece a origens e motivações diferentes (sociais, políticas, ideológicas e culturais) em diversos contextos, como o europeu, o norte-americano e o latino-americano. De qualquer modo, é a própria concepção da escola, suas funções e relações com a sociedade, o conhecimento e a construção de identidades pessoais, sociais e culturais que está em questão.

Torna-se imprescindível hoje incorporar as questões relativas à desnaturalização da cultura escolar e da cultura da escola na reflexão pedagógica e na prática diária das nossas escolas. Segundo Nóvoa, (1998, p. 63), “A “aula” ultrapassa a “sala”, determinando para além dela, assim como é determinada pelo que está para fora dela e nela adentra pelos sujeitos que nela atuam”. Assim, os alunos estão cotidianamente envolvidos na cultura da sua região, sempre apresentam aspectos próprios da cultura local e que deve ser valorizada no interior da sala de aula.

Os professores manifestam perplexidade e insegurança diante da problemática atual do cotidiano escolar. A instituição escolar está construída sobre a afirmação da igualdade, enfatizando a base comum a todos os cidadãos e cidadãs. Como articular a igualdade com a diferença, a base comum com as expressões da pluralidade social e cultural, constitui um grande desafio. É a discussão sobre estas questões, articuladas com a reflexão sobre os processos de mudança cultural e social que estamos vivendo que permitirá ir reconstruindo o papel da escola, a cultura e a cultura da escola.

Nesta articulação se condensa o desafio radical de promover uma educação intercultural crítica na nossa sociedade, em que estamos vivendo processos complexos de transformação, multidimensionais, profundos e contraditórios. Hoje, urge ampliar este enfoque e considerar a educação intercultural como um princípio orientador, teórica e praticamente, dos sistemas educacionais na sua globalidade.

Vale destacar que o folclore e a cultura popular sempre estiveram presentes nos programas e conteúdos escolares, sempre há um espaço na educação para se tratar desse assunto. Seria bom termos uma conversa sobre a relação da educação com a cultura, porque aí talvez possamos encontrar algumas respostas as preocupações cotidianas do educador no que toca a essa área.

A cultura é um “fenômeno social” que representa o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade no que diz respeito a conhecimento, crença, arte, literatura, educação, costumes, ciência, moral, leis e hábitos diferentes adquiridos pelo homem.

Este está sujeito às necessidades do meio, que têm de ser atendidas para que os indivíduos possam sobreviver e procriar. Para tanto, ele desenvolve um ambiente secundário e artificial, este ambiente nada mais é do que a cultura.

Cultura, como nós a entendemos, diz respeito ao modo de ser e de viver dos grupos sociais: a língua, as regras de convívio, o gosto, o que se come, o que se bebe, o que se veste vão formando aquilo que é próprio de um povo.

A cultura é o fermento que alimenta, dá forma e conteúdo à educação. Em sala de aula, experiências, vivências e singularidades estão reunidas. Alunos e professores trazem suas bagagens e histórias. Confrontos, trocas, negações e reafirmações de culturas pulsam o tempo todo nesse convívio. Se não houver um saber pronto e acabado a ensinar, a educação tem suas chances de sucesso ampliadas. (MAGALHÃES 1985).

O professor é, sobretudo, uma pessoa que deve atender aos contextos em que trabalha, as subjetividades e diversidades do setor escolar, procurando adaptar a sua atuação aos objetivos pretendidos pela escola de uma forma geral. Sabemos que as questões educacionais são extremamente complexas, neste sentido, Pimenta (2002) ressalta a argumentação de Schon, no sentido da valorização da prática na formação dos professores; devendo ser uma prática reflexiva que possibilite responder às novas situações que precisam de uma melhor atuação destes profissionais.

Desta forma, eis a necessidade de uma prática reflexiva entre estes agentes de ensino, levando em conta as diferenças de pensamentos de todos os segmentos educacionais, já que não há um igual a outro. É possível então, numa mesma escola e até numa mesma turma, utilizar práticas diferentes de acordo com o grupo. Isto é que é ter autonomia para realizar as tarefas mais emergentes no contexto escola. Portanto, se o professor não tiver capacidade de analisar, vai se tornar um professor formalista ou tecnocrata.

CAPÍTULO 2 - RENOVAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho consiste num estudo teórico sobre as questões atuais, que envolvem o processo de prática docente e sua articulação com os processos de ensino e aprendizagem. Neste sentido, buscaremos compreender as principais concepções de autores como Libâneo, Nóvoa, dentre outros que, de uma forma geral, discutem sobre a questão da renovação da prática docente para a conseqüente renovação dos processos de ensino-aprendizagem.

No processo ensino-aprendizagem, em qualquer contexto em que se esteja inserido, é necessário que se conheça as categorias que integram este processo como elementos fundamentais para um melhor aproveitamento da aprendizagem. Educar é colaborar para que professores e alunos - nas escolas e organizações - transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem.

É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornar-se cidadãos realizados e produtivos.

Dentre as principais estratégias apresentadas pelos autores selecionados, destaca-se com maior ênfase a mediação pedagógica, referindo-se a intervenção do professor no ato de lidar com o ensino. Neste sentido, Libâneo (1994, p. 80), afirma que “O ensino tem, portanto, como função principal assegurar o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar e, através desse processo, o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas dos alunos”.

Paulo Freire em sua “Pedagogia da Autonomia” afirma:

Somos seres programados, mas, para aprender. É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz, um curiosidade descrente, que pode torna-lo mais e mais criador. (...), quanto mais criticamente se exerce a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando de “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto. (FREIRE, 1996, p. 68)

Lógico que não podemos “Acabar com a aula”. a aula em si não vai acabar. O que buscamos é que a aula se coloque de direito e de fato a serviço da aprendizagem. É necessário pensar no futuro e salvar a “aprendizagem”, não a aula. Precisamos como professores que somos, superar mitos e não só ensinar, mas ensinar a pensar certo, precisamos ensinar não só os conteúdos, mas ensinar também, a pesquisá-los, ensinar a criticá-los, a argumentá-los, enfim, a “fazer” e reconstruir o conhecimento.

Esta idéia, infelizmente não corresponde a boa parte das práticas tradicionais de ensino, que limitam-se, na maioria das vezes, a meras transmissões de conteúdos, muitas vezes desvinculados da realidade de vida dos educandos. Tudo isto trás como consequência, uma considerável acumulação de informações desnecessárias.

Sabe-se que cada aluno, ao chegar na escola, traz consigo suas próprias experiências de vida. Nesse sentido, é preciso trabalhá-las em articulação com os assuntos relacionados a(s) disciplina(s), com o objetivo de facilitar a compreensão em torno dos mesmos.

Citemos como exemplo, a utilização em sala de aula, da matemática presente no dia a dia, como o uso da adição e subtração na venda de frutas na feira ou de qualquer outro produto no mercado, trazendo para a prática, o que é visto através de teorias, para que o aluno perceba que a matemática está presente na vida de cada um, e não apenas nos livros didáticos.

Poderíamos citar vários outros exemplos, como é o caso das profissões, que devam ser estudadas a partir das realidades de trabalho dos pais dos alunos, sejam eles: eletricitas, padeiros, comerciantes, balconistas, doutores e etc. Os estudante precisam portanto, de um intermediário, que lhes ofereçam subsídios cognitivos através de orientações específicas.

Neste contexto, Perrenoud afirma que, Na perspectiva de uma escola mais eficaz para todos, organizar e dirigir situações de aprendizagem deixou de ser uma maneira ao mesmo tempo banal e complicada de designar o que fazem espontaneamente todos os professores. (2000, p. 25). Sendo assim, a renovação do processo ensino-aprendizagem passa pela questão da flexibilidade dos professores em lidar com a espontaneidade dos alunos, sem exigir dos mesmo uma série de requisitos, muitas vezes desnecessários para o desenvolvimento cognitivo dos mesmos.

Para aprender significativamente, o educador precisa motivar seus alunos a possuírem uma atitude aberta (motivação) para estabelecer vínculos (relações) entre os conteúdos que já conhece e os novos conteúdos, definindo, também, o grau de clareza das novas relações estabelecidas (significados mais ou menos exatos, precisos).

Outro critério fundamental para a aprendizagem significativa é a funcionalidade dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, valores) aprendidos, isto é, o quanto esses conteúdos podem ser, efetivamente, utilizados nas situações da prática profissional, em questão.

Dessa forma, podemos citar a questão dos projetos educativos a serem trabalhados em sala de aula como forma de motivação da aprendizagem e servindo de renovação do processo ensino-aprendizagem, o valor educativo de um projeto educacional está na capacidade de proporcionar aos estudantes experiências (atividades educacionais) que produzam um desequilíbrio no seu conjunto de conhecimentos (previamente organizado) e uma modificação dessas esquemas (revisão, construção, enriquecimento).

Quanto mais atividades educacionais estiverem relacionadas à prática profissional, maiores as probabilidades de se conseguir motivação por parte dos estudantes e funcionalidade por parte dos conteúdos selecionados e trabalhados de forma renovada em sala de aula.

Perrenoud (2000), afirma ainda que, vale a pena se trabalhar em equipe, cada professor pode manter um vínculo com seus colegas de trabalho, no sentido de unir as forças e compartilhar experiências de ensino. Segundo ele,

Administrar os recursos de uma escola e fazer escolhas, ou seja, e tomar decisões coletivamente. Na ausência de projeto comum, uma coletividade utiliza os recursos que tem, esforçando-se, sobretudo, para preservar uma certa equidade na repartição dos recursos. (PERRENOUD, 2000, p. 103)

Sabe-se que concretização da nova concepção de ensino das escolas requer uma adaptação a cada contexto escolar específico, realizada pelo seu grupo de profissionais. A necessidade da troca de experiências entre os profissionais da educação é muito grande, pois precisa-se levar em conta as particularidades a serem observadas em cada unidade de ensino e também dentre a clientela escolar, pois as escolas têm uma identidade própria, bem como sua cultura, sua história, sua forma de organização e de funcionamento.

O projeto pedagógico desenvolvido no âmbito dessas instituições está condicionado pelas características próprias de cada unidade escolar.

Outra coisa que podemos destacar com relação a renovação do processo ensino-aprendizagem é a questão do uso das tecnologias na educação. Na visão de Perrenoud (2000), os profissionais da educação que constituem sua equipe têm como tarefa comum a educação dos seus alunos e essa é uma tarefa a ser compartilhada e não dividida, isto é o que chamamos de renovação do processo de ensino, a serem pensados pelos educadores em seus ambientes de trabalho.

São várias as alternativas que esses setores disponibilizam para se trabalhar a partir da utilização de recursos tecnológicos, já que, a escola não pode ignorar o que se passa no mundo e que as novas tecnologias da informação e da comunicação transformam espetacularmente nossa maneira de pensar e agir (PERRENOUD, 2000).

Assim, a escola tem capacidade e obrigação de intervir nessas transformações sociais através da motivação, quanto aos procedimentos que sejam interessantes para a incorporação das novas formas de ensinar dos professores.

Nessa perspectiva, a idéia central é a do incentivo para a reorganização e inovação do trabalho pedagógico, através de metodologias diversificadas em sala de aula, como nos apresenta o Perrenoud (2000), que destaca em linhas gerais que a diversificação do currículo escolar envolvida nas práticas de ensino dos educadores, é de grande importância para o enriquecimento das práticas de ensino, no sentido do direcionamento do aluno para a conquista da consciência crítica.

Mais do que as características individuais de cada profissional, a coerência e a eficácia da equipe, no desenvolvimento do seu trabalho, depende do uso da tecnologia de informação e comunicação, professores e alunos têm a possibilidade de utilizar a escrita para descrever/reescrever suas idéias, comunicar-se, trocar experiências e produzir histórias.

Assim, em busca de resolver problemas do contexto, representam e divulgam o próprio pensamento, trocam informações e constroem conhecimento, num movimento de fazer,

refletir e refazer, que favorece o desenvolvimento pessoal, profissional e grupal, bem como a compreensão da realidade.

Temos assim a oportunidade de romper com as paredes da sala de aula e da escola, integrando-a à comunidade que a cerca, à sociedade da informação e a outros espaços produtores de conhecimento, aproximando o objeto do estudo escolar da vida cotidiana e, ao mesmo tempo, nos transformando em uma sociedade de aprendizagem e também da escrita.

Para alcançarmos o patamar de uma sociedade da leitura, da escrita e da aprendizagem, precisamos enfrentar inúmeros desafios, vários deles no interior da escola. Entre esses, os mais contundentes são: a dessacralização do laboratório de informática e da senha do computador; o acesso à tecnologia de informação e comunicação; o uso dessa tecnologia para a resolução de problemas do cotidiano que favoreçam a articulação entre as áreas de conhecimento, ao mesmo tempo em que propiciam o aprofundamento de conceitos específicos e levam à produção de novos conhecimentos; a flexibilização do uso do espaço da escola e do tempo de aprender; o desenvolvimento da autonomia para a busca e troca de informações significativas em distintas fontes e para a respectiva utilização dos recursos tecnológicos apropriados.

2.1 A mediação pedagógico como motivação à aprendizagem

O educador e o educando são seres individuais e sociais, constituídos na vida social que se interagem no processo educativo. Eles são os sujeitos da história que se constroem ao lado dos outros seres humanos e, também, são objetos da história que sofrem a sua influência. Em termo educativo o educador é um ser sempre visto como o responsável e aquele que dá direção ao ensino e o que participa do processo de formação/transformação do educando.

O educador aprende na formação de novos sujeitos ativos da história. Neste sentido, educador e educando se relacionam realizando juntos, em comunhão, o processo educativo. Vale ressaltar que é dever do educador, mediar a aprendizagem do aluno diante dos assuntos de cada disciplina lecionada.

Segundo Libâneo:

O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, as experiências e os significados que os alunos trazem à sala de aula. (LIBÂNEO, 2003, p. 28)

A mediação do professor permite a formação de sujeitos pensantes, tanto no que diz respeito a conceitos (informações sobre determinado assunto ou teorias: científicas, históricas, geográficas, literárias, e etc), como também, a habilidades (leitura, escrita, interpretação e etc), atitudes (ação do sujeito na sociedade), e por fim, a valores (éticos, sociais, culturais e etc).

Não se trata de dar receitas, porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre o que lhe ajuda mais a sentir-se bem, a comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a que aprendam melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar.

O educador não poderá ser ingênuo em relação à realidade que vive e trabalha. Uma vez que o educador deva ter essa compreensão da realidade e ter um comportamento ético com a sociedade em que vive com a plena clareza de sua ação, planejada, deverá trabalhar sempre na perspectiva da execução de seus ideais porque educador sem ideal não é educador.

Não existe educador sem ideal e sem opções. O educador precisa conhecer bem o campo científico no qual atua, com a necessidade da competência para desempenhar, com efeito, a atividade que trabalha. Uma vez que se ensina geografia ele tem que conhecer bem esta ciência, assim como outras tantas ciências, a saber: matemática, história, português, sociologia etc.

O educador também deve possuir habilidades e recursos de ensino para possibilitar a aprendizagem dos educandos. Para ser educador é preciso desejar ensinar, ter paixão na atividade, estar em sintonia afetiva com o que faz, pois ensinar não simplesmente ir para uma sala entre quatro paredes e despejar uma quantidade de conteúdos e não usar uma metodologia técnica específica para o conteúdo apresentado. Neste sentido, o educador precisa deter recursos e técnicas que facilitem os procedimentos de ensino.

A aprendizagem implica esta relação dialética, muito ao contrário do que se tem chamado de “relação pedagógica” reduzida à aula. nesta, prevalece a submissão, por conta do instrucionismo. Na relação autêntica busca-se a autonomia do aluno, colocando-o no centro do processo de aprendizagem, não se aprende na condição de objeto. (Demo, 2004, p. 18)

Na verdade, o aluno na sua condição individual própria, é visto com total dependência frente ao professor e as condições de aprendizagem se resumem na simples prática instrucionista de fundo imbecilizante, sem ao menos dar a oportunidade do aluno saber pesquisar ou elaborar, ou enfim saber pensar; criticar ou aprender. Demo (2004, p.27) salienta: “O conhecimento que esclarece é o mesmo que imbeciliza”.

Torna-se necessário na prática docente, o uso de estratégias que auxiliem na compreensão dos conteúdos, na intenção de se dá uma maior relevância aos assuntos necessários para o desenvolvimento pessoal de cada aluno. Na maioria das vezes, os conteúdos utilizados através do currículo oficial da escola, abordam questões bastante contraditórias com as condições de aprendizagem dos alunos e suas realidades de vida.

Nessa perspectiva, a intervenção do educador facilitará a assimilação em torno da complexidade das informações teóricas envolvidas nas disciplinas.

Diante dessas idéias, podemos destacar a prática interdisciplinar, como um processo de enriquecimento, tanto no que se refere a ação docente, como na aprendizagem do aluno, já que, a interdisciplinaridade abrange a integração entre diferentes saberes ou disciplinas e supera a tradicional prática pluridisciplinar, caracterizada pelo uso de conhecimentos isolados entre si.

A troca de experiências entre professores, é de suma importância para essa questão, de acordo com Libâneo, a prática interdisciplinar começa, com a integração dos professores das varias disciplinas e especialistas num sistema de atitude e valores que garantam a unidade do trabalho educativo e se viabiliza por um sistema de organização negociado”.(2003, p. 33).

Não é raro depararmos com expressões do tipo: “só me preocupo com a disciplina que leciono”. Não queremos dizer que os educadores tenham a obrigação de conhecer

detalhadamente todas as disciplinas para que sua prática seja interdisciplinar, mas, que sejam capazes de utilizar diferentes saberes, quebrando barreiras entre as disciplinas, que muitas vezes tem muito em comum.

Podemos citar, por exemplo, a importância de um professor de história, tratar de assuntos que envolvam história política e social do início do século, unida ao mundo contemporâneo, para que o aluno veja toda a trajetória política de um modo geral, e de forma mais específica, do Brasil, do Estado e da cidade em que está inserido.

Este exemplo pode se estender a todas as áreas. É possível também se trabalhar em Ciências, as condições naturais da comunidade, bem como, seus aspectos geográficos, históricos, culturais etc, sem esquecer, evidentemente, que os processos de leitura e escrita também são aperfeiçoados nessas disciplinas, e não apenas nas aulas de língua portuguesa.

Acredita-se que a prática interdisciplinar dá uma maior firmeza com relação aos conhecimentos adquiridos pelos estudantes, e principalmente, quando se consegue fazer uma ligação entre teoria e prática, assunto relacionado a intercomunicação entre os diferentes saberes que envolvem as disciplinas da escola.

Os educadores também podem auxiliar seus alunos, no sentido de se obter uma perspectiva crítica dos assuntos e conteúdos. Em primeiro lugar, é preciso trazer para o ambiente escolar, questões relacionadas a realidade de vida dos mesmos, seja no que diz respeito ao ambiente, condições de vida, família e etc, como no andamento da sociedade de uma forma global, pensando e analisando os fatores correspondentes.

Com relação aos conteúdos teóricos, o procedimento é o mesmo. A exploração das idéias em conjunto: professor-aluno, promove a interpretação daquilo que ficou internalizado, como por exemplos, os pontos positivos e negativos e os valores que deixaram de ser evidenciados nas escritas, e que os professores podem, através desse exercício, motivar a formação de pessoas autônomas, capazes de criticar as informações antes de absorvê-las.

De que forma então, o educador pode exercitar a criticidade do aluno? Podemos fazer referência aos seguintes pontos:

- Trabalhar em sala a oralidade e o diálogo, através de questionamentos acerca das atividades práticas dos indivíduos, e como eles participam da vida social, intervindo, modificando e construindo determinado tema;
- Discutir sobre o atendimento das necessidades práticas da vida social, como por exemplo, as atitudes que os nossos governantes deviam tomar, para que se amenizasse a pobreza do nosso país;
- Mostrar para o aluno as diferentes realidades que o envolvem, deixando-o fazer suas próprias escolhas interpretativas, desta forma, exalta-se a possibilidade do desenvolvimento crítico-reflexivo do aluno diante dos fatos teóricos e cotidianos.

Deve-se reconhecer que a compreensão sobre determinado conteúdo, requer, acima de tudo, a contextualização dos objetos de conhecimento e suas ligações com a prática humana, como Libâneo ressalta, “O que se agrega aqui, em termos de pensar crítico, é a capacidade de problematizar, ou seja, de aplicar conceitos como forma de apropriação dos objetos de conhecimento a partir de um enfoque totalizante da realidade” (2003, p. 37).

É através das atitudes do professor, que os alunos descobrem o verdadeiro sentido da educação. A integração da dimensão afetiva no exercício da docência refere-se ao compromisso com as diferenças e particularidades dos educandos.

Esta idéia, é também enfatizada por Nóvoa (2002, p,24), quando discute sobre a redefinição do sentido social do trabalho docente, ele acredita que “ a atividade docente caracteriza-se igualmente por uma grande complexidade do ponto de vista emocional”. Nesse sentido, podemos perceber, que os professores estão inseridos num espaço carregados de afetos, de sentimentos, e não apenas de instrumentos técnicos de ensino.

O autor apresenta alguns dilemas da profissão docente, em síntese, destacamos o da “autonomia” no sentido de se reconhecer as diferenças que envolvem nossas escolas, e a capacidade autônoma de se adaptar a essas diferenças, eis aí o segundo dilema. Diante deste, destaca-se que professores tendem a limitar sua capacidade de ensino, à dominação do conteúdo e a forma agradável de lidar com o aluno, os docentes acabam simplificando suas ações educativas, visto que, desconhecem ou não trabalham as diferenças que envolvem a

realidade dos alunos, este é, portanto o terceiro dilema, que reduz a complexa atividade pedagógica ao estatuto das coisas simplificadas.

Cada professor, em sua prática letiva diária, aprende a conviver com suas salas de aula, notando-lhes a “personalidade” como grupo. Cada sala de aula é distinta, mesmo em se tratando das mesmas séries, da mesma escola. Cada turma, pela somatória de individualidades ali presentes, apresenta uma “personalidade” que faz com que o professor desenvolva formas específicas de lidar com ela.

A soma de individualidades que compõem cada classe, acrescida das especificidades sociais (localização, condição social e familiar, acesso aos bens culturais e de consumo, qualidade educacional anterior etc.) torna ainda maior a complexidade desse perfil. Por isso diferentes turmas demandam do professor diferentes abordagens, mas também diferentes quantidades e qualidades de informação e estímulo, de acordo com a significância que a turma atribui ao conteúdo tratado.

Em todas as atitudes os educadores devem preocupar-se com a mediação pedagógica no sentido de despertar uma aprendizagem mais sólida e significativa. A partir da pesquisa mediatizada o professor pode estimular a autonomia do aluno. Perrenoud faz as seguintes observações:

Como podemos formar alguém em sua prática reflexiva? Por meio da pesquisa, como paradigma de reflexão metódica sobre a realidade? Por meio de um treinamento técnico em análise de situações complexas? Sem dúvida, tem de haver, ao mesmo tempo, uma iniciação à metodologia de pesquisa e um exercício intensivo do saber analisar. (PERRENOUD, 2002, p. 107)

Sabemos que, embora muitas vezes o conteúdo a ser ministrado seja o mesmo, ele será adequado pelo professor às especificidades de cada classe. Ensinar, desta forma, não pode estar baseado em receitas pré-determinadas, reduzindo o papel do professor ao de um mero “aplicador” de estratégias. Pelo contrário, cabe ao professor, a partir de uma mesma base de conteúdos, didáticas e práticas de ensino, dinamizá-las segundo o perfil de cada turma em particular.

Para tanto, é necessário que o professor conheça o perfil das turmas, compreendendo que não se pode exigir de todas elas respostas iguais, embora deva garantir, na multiplicidade de respostas, igual qualidade e densidade.

Da mesma forma, para um mediador de mostras artísticas, é preciso modelar sua atuação em relação ao grupo de visita. Nem todos os grupos são iguais, seja em termos de faixa etária, seja em termos de interesses gerais. Normalmente grupos de escola virão com “seus” interesses definidos a priori pelo professor. Mesmo assim, muitas vezes percebe-se, no espaço expositivo, que a atenção do grupo é desviada do caminho originalmente traçado, obrigando o mediador a estabelecer novas relações.

Perceba-se que a transmissão dessas informações - que participam do processo de educar - não pode ser feita de maneira automática, sem envolvimento. Isso seria reduzir o professor a um emissor de informações, que não age e nem reage a elas. Se não forem apropriados, retrabalhados constantemente, as informações e os conhecimentos tornam-se vazios, sem significado, transformando-se em dados a serem apenas “captados” e reproduzidos.

Para que a educação aconteça, é necessário que as informações e conhecimentos façam sentido tanto para quem os transmite quanto para quem os recebe. É preciso que o professor e o aluno, ou visitante de exposição, se apropriem dos conteúdos; tomem posse deles. Para tanto é preciso que o transmissor, tanto quanto o receptor dos conteúdos, ultrapasse posições passivas e seja participante da ação educativa. A educação é, portanto, um processo dinâmico que requer um educador agente e um educando participativo.

Na visão Chiovatto (2000), a figura do mediador aparece, por exemplo, nos debates políticos, nas mesas redondas em congressos. Sua presença garante o desenvolvimento da ação. É ele o responsável por dosar as informações dos participantes a fim de construir, pela exata soma das partes, um todo compreensível e imparcial.

A autora acrescenta que a ação do educador não se reduz à transmissão de informações e conhecimentos, mas é ativa na construção de tramas que articulam conteúdos, mundo, vida, experiências (suas e dos alunos) num todo significativo: é neste sentido que o professor é mediador.

Neste sentido, mediar é estar entre, no meio, o que poderia ser entendido como uma barreira, afastando pólos, colocando-os em extremos opostos - incommunicáveis, inconciliáveis. A proposta de mediação, entretanto, é exatamente oposta. É estando no meio que se pode, mais facilmente, perceber as necessidades dos pólos e interceder no sentido de garantir um equilíbrio, uma conciliação. E como fazem os mediadores para chegar ao resultado satisfatório a todos? Consideram todas as necessidades e as respondem; exploram e aprofundam cada descoberta, garantindo-lhes sentido; e articulam todos esses aspectos segundo as especificidades da situação.

Para Demo (2004, p. 10) “A sociedade humana sempre foi sociedade do conhecimento”. O professor é sem dúvida nenhuma o responsável por parte desse conhecimento, ele é a figura estratégica e decisiva na construção do conhecimento, precisa não só renovar seus conhecimentos é essencial reconstruí-lo. Conforme Demo,

E fundamental saber reconstruir o conhecimento com mão própria. A definição de professor inclina-se para o desafio de cuidar da aprendizagem, não de dar aula, professor é quem, estando mais adiantado no processo de aprendizagem e dispondo de conhecimentos e práticas sempre renovados sobre a aprendizagem, é capaz de cuidar da aprendizagem na sociedade, garantindo o direito de aprender. Professor é o eterno aprendiz, que faz da aprendizagem sua profissão. (DEMO, 2004, p. 11)

Em regra, os professores hoje “dão aula”. agora pergunto: “Como é essa aula?” o professor fala, e o aluno escuta. O professor dita e o aluno copia. O professor decide o que fazer e o aluno executa. O professor ensina e o aluno “aprende”.

Se alguém for realmente observar uma sala de aula, hoje, falaria como Paulo Freire, em *Pedagogia do oprimido*” e a nós cabe a pergunta: porque o professor age assim? A resposta está na ponta da língua, como outro dia ouvi uma professora X falar porque muitos (ou quase todos) aprendem que é assim que se ensina. Para mim, esta não é a resposta correta, penso que o professor age assim porque acredita que o conhecimento pode ser transmitido para o aluno. Ele acredita no “mito da transmissão do conhecimento” – do conhecimento como forma ou estrutura; não só como conteúdo.

Enfim, o professor mediador encontra-se no meio da ação de educar, e aí age, garantindo a incorporação das percepções e interpretações individuais, das informações e conhecimentos (dos conteúdos, seus e dos alunos), das relações com o mundo em que vivemos, num todo

articulado e significativo, que amalgama o conhecimento tornado útil ao fluxo dinâmico da vida.

CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS

3.1 Metodologia da pesquisa: estudo de caso

Segundo Matos, utilizamos o estudo de caso quando selecionamos apenas um objeto de pesquisa, obtendo uma grande quantidade de informações sobre o caso escolhido. Essa forma de investigação é bastante utilizada nos cursos de pós-graduação devido a sua facilidade operacional que se proporciona. E como se trata de uma amostra reduzida, isso faz com que essa modalidade de pesquisa seja uma das mais populares entre os investigadores. De acordo com Matos (2001):

O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados. (MATOS, 2001, p. 58)

Segundo Matos, a observação é muito utilizada porque pode ser associada a entrevista. E diz que, para uma pesquisa ser eficaz, temos que observar, compreender o que é essencial e fazer o registro. Cujas observações devem ser orientadas por um objeto que deve ser planejado, registrado e ligado a proposições mais gerais, além disso, deve ser submetido a controle de validade e precisão.

De acordo com Matos (2001):

Os registros devem ser feitos, de imediato em um caderno, para não haver o risco de ao fazer anotações depois, deixar escapar dados importantes. Podem ser também usadas filmagens, gravadores, máquinas fotográficas. (MATOS, 2001, p. 59)

Segundo Matos, o questionário consiste em uma técnica de investigação que, sem a presença do pesquisador, o investigado responde por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente ou enviado pelo correio. Cujos instrumentos devem possuir um cabeçalho explicando a pesquisa, os objetivos, a sua importância, a garantia de sigilo e orientações para o preenchimento.

De acordo com Matos (2001):

As questões devem ser objetivadas e claras. Podem ser abertas, quando o respondente expressa livremente suas opiniões; fechadas quando as opções das respostas são dadas, e mistas, apresentando um fusão dos dois tipos mencionados. (MATOS, 2001, p. 61)

3.2 Caracterização da escola

Com o intuito de explorar alguns fatores coincidentes com nossos objetivos de pesquisa, escolhemos a Escola Estadual Ensino Fundamental André Gadelha para obtermos as devidas informações. A escola está localizada à Rua José Francisco Vieira de Figueiredo no bairro do Areia, na cidade de Sousa – PB.

O quadro gestor é composto pela diretora, que desenvolve um trabalho em parceria com a comunidade, tendo como colaboradora, a vice-diretora e a participação do corpo docente, que por sua vez, é constituído por 40 (quarenta) professores os quais lecionam do 4º ao 9º ano. Destes, todos possuem o curso superior e outros especializações. Os professores realizam o planejamento semanal separados por área e orientados pela supervisora.

A escola possui 900 (novecentos) alunos matriculados nos três turnos, 06 (seis) vigias, 02 (duas) secretárias e 01 (uma) supervisora. Sua estrutura física é formada por 01 (uma) sala de diretoria, 01 (uma) secretaria, 3 (três) banheiros, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) sala de vídeo, 12 (doze) salas de aula, 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) cantina e 01 (uma) quadra, onde acontecem as aulas recreativas.

A escola funciona a partir do lema: “Educação e democracia”, atuando com total empenho e dedicação. Além das turmas de Ensino Fundamental I e II, a escola trabalha com 2 (duas) turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), com a participação e a colaboração das professoras, supervisora e auxiliares.

O objetivo principal da referida escola é preparar o educando para a realidade da vida, buscando e primando pela renovação e qualificação da educação oferecida, evidenciando a articulação entre a aprendizagem escolar e valorização da cultura local, almejando sempre o conhecimento para todos os fins da vida humana.

A instituição adota um equilibrado relacionamento entre “Pais e Mestres”. Através de reuniões realizadas a cada bimestre, aproxima-se então, a família dos alunos à escola, por sentir que ambas necessitam manter essa parceria para buscar solucionar os problemas encontrados, para formação de cidadãos ativos na sociedade.

3.3 Análise dos questionários dos professores e gestor

Aplicamos um questionário composto por oito questões abertas a duas professoras e uma gestora, no objetivo de colher importantes informações acerca do processo ensino-aprendizagem desenvolvidos na escola. As profissionais envolvidas na pesquisa possuem uma faixa etária de vinte e cinco a quarenta e cinco anos, todas tem curso superior – Pedagogia.

Perguntado se a gestão escolar tem refletido e analisado sobre o processo de ensino-aprendizagem, as professoras foram unânimes em dizer que sim. As mesmas salientam que sempre que se inicia o ano letivo, toda a organização escolar se empenha em discutir sobre os problemas de repetência e reprovação de alunos do ano anterior.

Segundo uma professora investigada,

“ Estamos sempre analisando e refletindo sobre a realidade do processo ensino-aprendizagem. Iniciamos o ano letivo com planejamentos onde analisamos o resultado do ano anterior, pontos positivos e negativos, em que precisamos melhorar. Damos continuidade nos horários reservados para o planejamento por área de estudo, onde refletimos continuamente a nossa prática pedagógica”. (professora)

Acreditamos que a promoção de uma gestão educacional democrática e participativa está associada ao compartilhamento de responsabilidades no processo de tomada de decisão entre os diversos níveis e segmentos de autoridade do sistema educacional. Assim, segundo a autora, “A gestão, portanto, é que permite superar a limitação da fragmentação e da descontextualização e construir, pela óptica abrangente e interativa, a visão e orientação de conjunto, a partir da qual se desenvolvem ações articuladas e mais consistentes”. (LUCK, 2006, p. 43).

Observa-se que as unidades de ensino poderiam, seguindo estes preceitos de participação na gestão escolar, buscar soluções próprias para seus problemas e, portanto, mais adequadas às

suas necessidades e expectativas, já que, segundo Luck, (2006, p. 51), “A gestão educacional abrange, portanto, a articulação do conjunto de atuações como prática social que ocorre em uma unidade ou conjunto de unidades de trabalho”.

Indagamos a respeito do desenvolvimento de projetos educacionais que contemplem o processo ensino-aprendizagem, a gestora respondeu que a escola tem se preocupado em desenvolver projetos que beneficiem o rendimento escolar dos alunos, dentre as respostas dadas, podemos destacar:

“A escola tem um projeto em desenvolvimento (Escola em ação), trabalha com o projeto “Amigos da escola” e em parceria com a Escola Agrotécnica Federal de Sousa, todas voltadas para a melhoria do ensino” (gestora escolar).

Consideramos extremamente importante o fato de a escola desenvolver projetos que valorizem o processo de ensino-aprendizagem, pois, consideramos que para a escola inovar suas metodologias de ensino, deve haver uma parceria entre a equipe que forma e a escola, seja professor, gestor, aluno, tendo em vista a elaboração e concretização de projetos inovadores, voltados para a superação dos problemas existentes na escola, com relação ao fracasso escolar e na perspectiva de se encontrar soluções precisas para se promover uma educação de qualidade.

Ao falar em projeto educacional, se pensa logo na participação dos segmentos que compõem a escola no desenvolvimento de ações pedagógicas. Isto depende de como a educação é pensada e praticada no contexto escolar.

Neste sentido, a educação deve ser uma das maneiras para tornar comum saber, aquilo que é comunitário, como bem o trabalho e a vida. Mas pode existir também imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre as pessoas, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos.

Destacamos que “Nesse princípio estão presentes a exigência da participação de professores, pais, alunos, funcionários e outros representantes da comunidade, bem como a forma de viabilização dessa participação: a interação comunicativa, a busca de consenso em pautas básicas”. (LIBÂNEO, 2004, p. 143).

Sabemos que as escolas públicas passam por sérias dificuldades, o investimento do poder público é insatisfatório para que se ofereça um ensino de qualidade, falta desde estrutura física, materiais didáticos e até a orientação pedagógica para os professores, quando se trata de professor alfabetizador a situação fica ainda mais complicada, vejamos alguns relatos.

Ao perguntarmos sobre a necessidade de se investir em estratégias didáticas, as professoras responderam o seguinte:

“É necessário e urgente que os professores invistam no planejamento didático, sem ele vamos continuar com a educação falida. Atribuo o insucesso da educação a falta de planejamento”.
(professora A).

A professora B afirmou que, “Os alunos são estimulados pelos desafios que lhe são lançados da informação dada pelo professor, informações que devem despertar a curiosidade do educando”. A docente destacou ainda que sempre procura levar melhor para seus alunos, no sentido de que possam aplicar estes conhecimentos na sua vida cotidiana.

Desta forma, acreditamos que as professoras questionadas, tem noção e consciência da necessidade de inovação de suas práticas de ensino, tendo em vista o desenvolvimento do aluno nos âmbitos: cognitivos, sociais, culturais e a conquista da autonomia.

Segundo destacam as professoras, a escola tem investido muito na questão da pesquisa, que de fato facilita muito o trabalho do professor e favorece sem dúvida a aprendizagem dos educandos. Neste sentido, Pérez ressalta a importância de seu um professor pesquisador.

Formar professores-pesquisadores de sua própria prática é colocar em diálogo os saberes produzidos na prática cotidiana da sala de aula com a pesquisa acadêmica. Saberes praticados, fazeres pensados, articulação prática-teoria-prática que abre outras perspectivas de compreensão do trabalho e da profissão docente tanto para o pesquisador-professor, quanto para o professor-pesquisador. (2003, p. 119).

A partir desta concepção, podemos entender que a professora evidencia sobretudo o planejamento escolar, como sendo ele o responsável pela qualidade da educação. Sabemos que não podemos isolar um problema do outro, pois, são muitos os problemas responsáveis pelo fracasso ou insucesso educacional no nosso país, entretanto, o ponto de vista desta professora serve-nos de reflexão sobre a necessidade urgente de uma melhor organização do

processo de planejamento escolar, que sem dúvida é fundamental para se promover a qualidade no processo ensino-aprendizagem.

A diversificação didática deve ser sempre bem planejada. segundo a professora B: “Procuro diversificar minha metodologia na medida do possível: trabalho leitura e escrita através de textos retirados de jornais e revistas; uso dinâmicas; trabalho em grupo; excursões, pesquisas e etc”. Esta professora garante que diversificação didática é o que não falta em suas aulas, deixa claro ainda que tudo é planejado antecipadamente para que o alcance dos objetivos sejam possíveis.

Falando em diversificação didática, Veiga (2006) afirma que para se considerar que a inovação torna-se edificante, faz-se necessário partir da idéia de que suas bases epistemológicas estão assentadas no caráter emancipador e argumentativo da ciência emergente.

Neste sentido, a Didática deve ser encarada como inovação edificante a partir da prática renovadora de ensino, bem como, na discussão crítica dos assuntos de natureza pedagógica, para isto, os centros de formação de professores devem buscar a formação do professor, evidenciando sua politização, incorporando a análise da intencionalidade do processo educativo, as condições de trabalho e a compreensão do professor como um profissional, levando em conta o seu papel social.

Questionamos sobre quais as principais atitudes tomadas diante do fracasso escolar dos alunos em determinados conteúdos, as professoras afirmaram em linhas gerais que investem na diversificação de metodologias. Vejamos a fala das mesmas:

“Ao perceber que um determinado aluno não obteve êxito em determinado conteúdo ou disciplina, procuro investir mais em atividades que despertem o interesse e um melhor desempenho do aluno” (professora A).

“As atividades tomadas são: em primeiro lugar chamar o aluno para uma conversa, saber dele o porquê deste fracasso. Segundo: chamar os pais e conversar sobre o que está acontecendo com seu filho. Terceiro: melhorar a metodologia. (professora B).

Ao perguntarmos sobre a relação entre formação e prática docente, podemos destacar a seguinte afirmação:

“Não basta termos apenas uma boa formação, é fundamental que saibamos de fato como lidar no dia a dia com nossos alunos. Sabemos que não é nada fácil lidar com pessoas diferentes ao mesmo tempo que tem costumes diferentes, mas, é preciso estar bem preparado para encarar estas adversidades e fazer o melhor em prol da boa educação. (professora C)

Desta forma, entendemos que a professora está ciente do seu papel na educação dos seus alunos. É importante salientar que, assim como destaca a professora, não é a simples formação do professor que vai garantir a melhor qualidade na educação dos alunos, mas, a postura do docente diante dos desafios didáticos impostos a ele.

Diante disto, entendemos que alfabetizar não é tarefa fácil. Diante do complexo processo de alfabetização é que defendemos a necessidade de uma formação específica e de qualidade que profissionalize o professor alfabetizador, que o prepare e valorize.

“Com muita frequência somos levados a acreditar que a prática docente depende diretamente da formação que os professores recebem”. (ASSUNÇÃO, 1996, p. 63).

Perguntamos finalmente a respeito dos resultados mais significativos, percebidos após o uso de novas estratégias de ensino. Vejamos as respostas:

“Quando utilizo métodos e meios mais simples porém eficazes, trabalhar assuntos que estão bem próximos da realidade da minha turma, os resultados são bem melhores, pois são coisas do interesse deles e com certeza eles participam mais” (professora A) “percebo que os alunos se tornam autônomos e são confiantes em si mesmos. Eles trazem de casa, notícias de jornais ou revistas baseado no que foi estudado. O estímulo pela leitura, por trabalhos em grupo, textos informativos e desempenho nas notas, etc”.

Desta forma, compreendemos que há um melhor significado na aprendizagem do aluno quando o professor diversifica sua metodologia. Quando se trabalha a realidade do aluno, como o exemplo dado pelas docentes, se valoriza mais a educação popular, a cultura do aluno é levada em consideração, e isto acaba motivando aos alunos a se interessarem pela aula e

pela aprendizagem, pois é feita de forma inovadora, saindo mais do tradicionalismo escolar, que ainda está tão presente na maioria das escolas públicas do nosso país.

3.4 Análise do Estágio

Durante o estágio realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental André Gadelha foi possível observar alguns pontos importantes quanto ao desempenho escolar dos alunos diante da aplicação das tarefas correspondentes aos planos de aula elaborados.

Nas primeiras aulas se deu a socialização da turma, embora algumas crianças já se conhecessem foram realizadas várias atividades com esta finalidade, as dinâmicas trabalhadas em muito favoreceram para que as crianças se descontraíssem e ficassem a vontade com as professoras. Testes de sondagem da aprendizagem foram realizados com os alunos e pode-se detectar alguns dificuldades, principalmente de leitura e escrita. Crianças entre sete e oito anos, vindos das turmas de educação infantil, mas que pareciam estar vindo a escola pela primeira vez, esta realidade deve necessariamente ser superada a partir da intervenção do educador que lida com problemas desta natureza.

As turmas de 3ª série, que foi a turma escolhida para nossa pesquisa, passa por inúmeras dificuldades, principalmente a falta de material didático, como stêncil para rodar as atividades. Ensinar exige muita criatividade, dinamicidade por parte do educador, sua interação com o aluno, seu entusiasmo, sua atitude confiante encorajadora fazem toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem. Decodificar letras e números já é por si só muito difícil para a criança e se além dessa dificuldade o professor não estiver envolvido com o aluno os problemas tendem a se agravar.

Outro fator que contribui muito para as dificuldades das crianças é a falta de acompanhamento em casa, como são crianças carentes, na maioria das vezes, os pais são analfabetos e não tem condições de pagar aulas de reforço, alguns estão fora de faixa etária, alunos retidos, o que torna o nosso trabalho ainda mais complexo.

Trabalhamos muito a oralidade através de músicas, poemas, contos, trabalhamos também a expressão corporal na aula de recreação, utilizamos ainda diferentes jogos educativos, como:

jogo da memória, baralho silábico, dominó com palavras e desenhos entre outros, o resultado foi bastante positivo, as crianças se divertiam e ao mesmo tempo desenvolvia suas habilidades escolares.

Foram trabalhados diferentes textos, a exemplos: “A cigarra e a formiga”, “África de todos nós”, que teve uma boa repercussão após a leitura e debate na sala de aula, onde os alunos puderam discutir sobre a importância da solidariedade, da amizade e da hospitalidade e ao mesmo tempo, exercitar a interpretação textual, além de livros didático, revistas, jornais, histórias infantis etc, vale salientar que os livros didáticos trazem consigo uma infinidade de assuntos, mas que muitas vezes não são tão explorados pelos educadores, no máximo solicitam que os alunos leiam e respondam uma série de perguntas pré-elaboradas que não exercitam a capacidade crítica nem a autonomia interpretativa dos educandos.

A leitura, quando bem elaborada e discutida em conjunto em sala de aula, integra o indivíduo ao meio em que vive, pela oportunidade que dá de maiores realizações pessoais, e porque saber ler é uma necessidade básica na vida do mesmo.

Concordamos com Orlandii (1988), quando afirma que a maneira como as pessoas aprendem a ler influencia no mundo da leitura para toda a vida, sendo fundamental a presença do professor nesse processo que sabe reconhecer em cada aluno suas qualidades e habilidades para as leituras, assim como suas experiências e leituras de mundo.

Desta forma, acreditamos que as práticas rotineiras devem ceder espaços para a renovação didática, uma vez que, mesmo que se utilize textos didáticos, que sejam explorados da melhor forma possível em sala de aula, despertando a capacidade interpretativa dos educandos, a exemplo da canções “Xote ecológico de Luiz Gonzaga”, retirada de um texto didático, esta música, ao ser trabalhada no estágio, fez as crianças captarem informações de suma importância para a vida em sociedade, conteúdos que são úteis para o desenvolvimento cultural e social das crianças e exaltam os aspectos regionais existentes. Utilizamos também alguns materiais como mapas, enciclopédias para trabalharmos a geografia do Brasil, dando ênfase à geografia local e aos aspectos naturais do estado paraibano, as crianças demonstraram muito prazer pela aprendizagem.

O desafio que se coloca para o educador do presente século é exatamente no que se refere a segurança teórico-metodológica, a reflexão sobre a própria prática, a busca por cursos de formação continuada, investimento mais que necessário para a construção da identidade profissional, a superação das dificuldades encontradas no cotidiano da sala de aula, a tomada de consciência individual, a busca por caminhos que priorizem a construção do conhecimento de tal maneira que seus esforços se reflitam positivamente na aprendizagem dos alunos. Assim,

A escola não pode se contentar com uma leitura mecânica e desestimulante. A escola pode e precisa comprometer-se com muito mais do que isso. Ela pode e precisa comprometer-se com uma leitura mais abrangente, crítica, inventiva. Só assim estará ensinando aos seus alunos a usar a leitura e os livros para viver melhor. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2001, p. 65).

Trabalhamos a matemática de forma lúdica, utilizamos materiais recicláveis para confeccionarmos as figuras geométricas e assim exercitar a capacidade matemática e o raciocínio lógico dos alunos. Desta forma, cada aula passou a ser mais interessante menos monótona e bem mais “cansativa” para a professora que fica a todo o tempo se movimentando, mas o melhor é que o objetivo das aulas foram alcançados com sucesso. Com relação as aulas de Ciências, trabalhamos assuntos bastante importantes como o corpo humano, utilizando várias formas de orientar aos alunos acerca das particularidades do corpo humano.

Ao longo do estágio, compreendemos que precisamos nos conscientizar das influências sócio-culturais na hora de avaliarmos as dificuldades dos nossos alunos para só então definirmos as melhores estratégias para atingirmos nossos objetivos.

Ser educador no tempo atual é renovar as práticas pedagógicas a partir de reflexões feitas a cada dia no cotidiano escolar, sabendo selecionar as melhores alternativas de ensino, mudando o que tiver de ser mudado e dando continuidade às práticas pedagógicas que despertem o senso crítico e a autonomia dos educandos.

Mesmo diante das inúmeras dificuldades, não se pode abrir mão de uma renovação escolar e de um esforço a mais por parte do educador.

Ao falarmos sobre estes aspectos, entendemos que o processo educativo deve trabalhar seu conteúdo básico para “criar novas disposições mentais nas crianças, capazes de inseri-las

melhor em sua contextura histórico cultural”. (FREIRE, 1996). Todos devem compreender o contexto e saber intervir de forma transformadora no sentido do crescimento humano da sociedade e do ser humano. Intervindo sempre na direção das mudanças de ordem social, que é o que Paulo Freire tanto evidenciava em suas obras e atitudes enquanto educador consciente dos problemas e das possíveis saídas que a educação podia oferecer em meios aos conflitos sociais existentes.

Vivemos numa sociedade que precisamos cada vez mais do conhecimento. Para Demo (2004, p. 10) “A sociedade humana sempre foi sociedade do conhecimento”. O professor é sem dúvida nenhuma o responsável por parte desse conhecimento, ele é a figura estratégica e decisiva na construção do conhecimento, precisa não só renovar seus conhecimentos é essencial reconstruí-lo. Conforme Demo (2004, p. 11)

E fundamental saber reconstruir o conhecimento com mão própria. A definição de professor inclina-se para o desafio de cuidar da aprendizagem, não de dar aula, professor é quem, estando mais adiantado no processo de aprendizagem e dispondo de conhecimentos e práticas sempre renovados sobre a aprendizagem, é capaz de cuidar da aprendizagem na sociedade, garantindo o direito de aprender. Professor é o eterno aprendiz, que faz da aprendizagem sua profissão.

Em regra, os professores hoje “dão aula”. agora pergunto: “Como é essa aula?” o professor fala, e o aluno escuta. O professor dita e o aluno copia. O professor decide o que fazer e o aluno executa. O professor ensina e o aluno “aprende”.

Se alguém for realmente observar uma sala de aula, hoje, falaria como Paulo Freire, em Pedagogia do oprimido” e a nós cabe a pergunta: porque o professor age assim? A resposta está na ponta da língua, como outro dia ouvi uma professora X falar porque muitos (ou quase todos) aprendem que é assim que se ensina.

Para mim, esta não é a resposta correta, penso que o professor age assim porque acredita que o conhecimento pode ser transmitido para o aluno. Ele acredita no “mito da transmissão do conhecimento” – do conhecimento como forma ou estrutura; não só como conteúdo.

Surge então, como tarefa principal dos educadores e das educadoras, escolares ou não, no interior dessa percepção, a “dialogação com a nossa realidade ou o nosso contorno social e histórico, quais os objetivos fundamentais do nosso espaço e de nosso tempo. Neste sentido,

“Não importa o tamanho dos nossos obstáculos, mas o tamanho da motivação que temos para supera-los”. (CURY, 2003)¹. É essa motivação que precisamos para inovar e fazer progredir a educação brasileira, não limitando nossas práticas a meras repetições didáticas que se faziam há décadas, mas, procurar sempre atualizar nossos conhecimentos enquanto educadores, conscientes das peculiaridades do século XXI.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

¹ CURY, Augusto. **Pais brilhantes professores fascinantes**. Atica, São Paulo, 2000

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou ainda mais a necessidade de termos nas escolas públicas professores qualificados preparados para trabalhar dentro da realidade educacional a qual está inserido e dispostos a mudar essa realidade, se auto-avaliando, refletindo sua prática pedagógica, não desistindo de seus ideais. Hoje podemos compreender melhor as dificuldades de aprendizagens dos alunos, com um olhar sensível às suas limitações, buscar solucionar estas dificuldades não precisamos ficar presos a experiências frustradas ou procurar culpados pela deficiência do aluno que chegou a primeira série sem estar devidamente preparado. O mais importante é desempenhar com responsabilidade e compromisso o papel de mediador e facilitador da aprendizagem, fazer o quanto possa para levar o aluno a ter sucesso.

As experiências do estágio abriu nossos olhos para muitos pontos que até então nos passava despercebido, por exemplo, aquela criança que está sempre num canto da sala, solitária, calada, por que ela tem esse comportamento? Então nos aproximamos e percebemos a carência daquela criança, carência de tudo, afetiva alimentícia; ou ainda, aquela criança inquieta, sem concentração, violenta, aparentemente desinteressada e de repente percebemos que são crianças apenas na idade e no tamanho, mas que desde cedo enfrentam problemas de “gente grande”, é diante desta realidade que precisamos ter uma boa formação para sabermos como trazer esse aluno para o meio, caso contrário, estaremos promovendo a exclusão e o fracasso escolar.

Aprendemos que um olhar diferenciado pode mudar e facilitar o nosso trabalho enquanto alfabetizadoras desde a elaboração das atividades, a escolha de portadores de texto até a nossa forma de ver e sentir o nosso aluno, a criança que passará todo o ano letivo ao nosso lado e que depende da qualidade do nosso trabalho para se desenvolver bem na sociedade a qual faz parte.

Evidenciou-se ainda com a experiência do estágio o quanto um professor devidamente qualificado faz a diferença para que a aprendizagem do aluno aconteça mais facilmente, não só a metodologia na transmissão dos conteúdos mas a própria postura da alfabetizadora diante dos alunos, sua segurança teórica tem poder transformador.

Em caso contrário, a não formação de qualidade do professor pode atrapalhar ou mesmo prejudicar o processo de aprendizagem dos alunos, uma vez que ensinar implica investir no conhecimento prévio dos alunos, valorizar seus saberes aperfeiçoando-os e ampliando-os, desta forma, como um professor vindo de uma formação insatisfatória dar conta de realizar um bom trabalho? A resposta infelizmente é negativa, ninguém oferece aquilo que não tem. Quando não se participa de uma formação qualificada fica impossível se oferecer um ensino de qualidade.

Durante o estágio foi possível observar criticamente nossa própria prática pedagógica e nossos procedimentos metodológicos. Percebemos ainda, a necessidade de revermos nossa formação inicial e de buscar a formação continuada. Deste modo, sabemos que é preciso aprimorar nossos conhecimentos, observar onde erramos e procurar acertar. Neste estágio foi possível renovar conceitos e mudar atitudes. Consideramos o resultado bastante positivo.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. **Magistério primário e cotidiano escolar**. Campinas – SP, 1996.

CHIOVATTO Milene. **O Professor Mediador**. Disponível em: >>
http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=13<< Acessado em:
08/02/2008.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes professores fascinantes**. Atica, São Paulo, 2000

DEMO, Pedro. **Professor do Futuro e Reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

LAJOLO, M e ZILBERMAN, R. **Literatura infantil: História e histórias**. São Paulo: Ática 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. – 7 ed. – Cortez, 2003.

_____, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Revista e ampliada: Goiânia: Editora alternativa, 2004.

_____, José Carlos. **Didática** – São Paulo: Cortez, 1994.

LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. Petrópolis. RJ: Vozes. 2006

MAGALHÃES, Aloísio. **E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. Salto para o futuro/TV Escola. Disponível em:
<http://www.tvebrasil.com.br> << Acessado em: 17/05/2008.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa Educacional. O prazer de conhecer**. Fortaleza: Ed. Democrática Rocha, UECE, 2001.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Educa. Lisboa, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

_____, Eni Puccinelli. **As ciências da Educação e os processos de mudança**. In: pedagogia, ciência da educação?. José Carlos Libâneo – 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 1998.

PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal. **Professoras alfabetizadoras: histórias plurais, práticas singulares**. Rio de Janeiro – DP&A, 2003.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência: Formação, Identidade Profissional e Inovação Didática**. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife PE 2006.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

ANEXOS - QUESTIONÁRIO

NOME: _____

IDADE: _____

TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO: _____

FORMAÇÃO: _____

GESTOR

1) A gestão escolar tem analisado e refletido sobre o processo de ensino-aprendizagem?

2) Pelo que você percebe, há a necessidade de os professores investirem em estratégias didáticas para a melhoria do processo ensino-aprendizagem?

3) A escola tem desenvolvido algum projeto educacional que contemple a relação ensino-aprendizagem?

4) Para o gestor, o que é necessário para o bom funcionamento do ensino na escola pública?

ANEXOS - QUESTIONÁRIO

NOME: _____

IDADE: _____

TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO: _____

FORMAÇÃO: _____

PROFESSOR

1) Suas práticas têm favorecido o processo ensino-aprendizagem? Justifique.

2) Você tem investido em metodologias diversificadas que colaborem a melhor exposição do ensino? Cite alguns exemplos.

3) Quais as principais atitudes tomadas diante do fracasso escolar dos alunos em determinados conteúdos ou disciplinas?

4) Se você utiliza novas metodologias no ensino, quais os resultados mais significativos que você percebe?

5) Identifique a relação entre formação e prática docente?
